

Graças à atitude existencial do pensamento recente estamos, gradativamente, perdendo o hábito de desprezar os fenômenos corriqueiros da vida diária, antes considerados mesquinhos. Tomado a sério, e investigado com paciência, todo componente da nossa vida representa uma janela pela qual podemos vislumbrar um aspecto do Ser. Esta afirmação é válida especialmente quando aplicada aos fenômenos da língua. Esses fenômenos estão tão próximos do nosso pensamento que, geralmente, passam despercebidos. É necessário um esforço mental para focalizar a atenção sobre eles. Proponho que, nestas considerações, seja ela focalizada sobre a tradução de uma frase simplíssima do Português para o Inglês.

O que acontece quando traduzo a frase "Vou" por "I go"? Este é o problema que peço ao leitor considerar comigo. Antes de tentar uma resposta, é necessário formular uma outra pergunta, anterior e subordinada à primeira. Porquê traduzo "Vou" por "I go"? A premissa que me autoriza a fazê-lo é, em linhas gerais, a seguinte: Existe um conjunto chamado "língua portuguesa", outro conjunto chamado "língua inglesa", e um terceiro conjunto chamado "realidade". Os primeiros dois conjuntos consistem de palavras que são símbolos dos fatos que compõem o terceiro conjunto. A cada fato real corresponde, portanto, uma palavra portuguesa e uma inglesa. Cada palavra portuguesa significa um fato real, e existe uma palavra inglesa correspondente que significa o mesmo fato. A palavra "Vou" e a palavra "I go" significam o mesmo fato real, portanto posso traduzir de uma para a outra.

Exposta assim, um pouco pedanticamente, torna-se evidente a dubiosidade da premissa. Ela pressupõe a existência da língua portuguesa e inglesa como fatos. Elas são, portanto, parte do conjunto da realidade, já que são fatos. Cada palavra portuguesa, sendo um fato, deve ter uma palavra portuguesa a ela correspondente, já que a cada fato real deve, pela nossa definição, corresponder uma palavra portuguesa. Pela mesma razão deve corresponder a cada palavra portuguesa, como fato real que é, uma palavra inglesa. Por exemplo: a palavra "Vou" significa o fato "Vou", e a palavra "Vou" significa a palavra "Vou", e a palavra "I go" significa o fato "Vou", e a palavra "I go" significa a palavra "Vou", e assim ad infinitum.

Vilem Flusser

Por motivos de higiene mental abandono este argumento que ameaça, logo de inicio, fazer girar o pensamento no redemoinho do circulo vicioso da lingua. Consideremos, em compensação, a afirmativa que a cada palavra portugueza corresponde um fato da realidade. Sabemos que essa afirmativa nao é verdadeira. Tomemos como exemplo a palavra "circulo quadrado". Com que direito, entao, traduzo esta palavra por "square circle"? Aparentemente, o conceito "fato" e o conceito "realidade" devem ser tomados em sentidos enormemente vastos até incluirem círculos quadrados, para que se torne possível a tradução da uma lingua para uma outra.

Consideremos, agora, a afirmativa de que a cada fato real corresponde uma palavra portugueza e outra ingleza. Ao fato real "Vou", por exemplo, corresponde a palavra portugueza "Vou" e a palavra ingleza "I go". Entretanto, se amplio a frase e digo "Vou escrever", de repente a palavra ingleza "I go" nao mais corresponde com o fato, cujo significado está expresso pela fraze portugueza ampliada. Nao adiante ampliar a frase ingleza. "I go write" nao significa o mesmo fato, se é que significa algo. Somos forçados a concluir que a palavra "Vou" e a palavra "I go" nunca significaram o mesmo fato real, mas, nos melhores dos casos, fatos semelhantes. Que, portanto, a nossa tradução era sómente aproximada.

Este tipo de argumentação poderia continuar ad nauseam. Parece, portanto, preferível abandonar a premissa da "realidade", e dizer, simplesmente, que as palavras portuguezas e inglezas correspondem umas com as outras, sem respeito a qualquer significado real. Entretanto, mesma esta tentativa desesperada não resolve o problema. Se as palavras inglezas significam as portuguezas e vice-versa, então a situação é a de dois espelhos que se espelham mutuamente num quarto vazio. Estamos, mais uma vez, no circulo vicioso e na regressao ao infinito. Salvo novos argumentos em contrario, sou portanto forçado a recuar para a posição seguinte: Nao sei porquê traduzo "Vou" por "I go". Sei sómente que essa tradução geralmente funciona.

Com este resultado pouco glorioso posso agora tentar a aproximação da minha pergunta original: O que acontece quando traduzo "Vou" por "I go"? O que acontece comigo, e o que acontece com a fraze em vias de ser traduzida?

Willem Flusser

A primeira parte da pergunta, a saber: O que acontece comigo durante a tradução?, pode ser respondida por introspecção, e a segunda parte, a saber: o que acontece com a frase durante a tradução?, pode ser respondida por observação externa. O método introspectivo será, neste caso, tao "objetivo" quanto o da observação externa, já que todo aquele que sabe falar duas línguas pode repeti-lo para controla-lo.

Quando traduzo de uma língua para uma outra a minha mente dá um salto. Falando com precisão, devo dizer que nao é a frase que está sendo traduzida, mas eu sou eu que está sendo traduzido, transportado, trasladado de uma frase para a outra. As duas línguas, a portugueza e a ingleza, nao participam da tradução, elas continuam imoveis, formando duas rochas sólidas dentro da minha mente. Sou eu que salto de uma rocha para a outra. Mas, considerando que estas rochas, as línguas, fazem parte da minha mente, surge a pergunta: que eu é esse que salta de uma parte do eu para outra parte do eu?

Consideremos mais este aspecto deste verdadeiro milagre: Quando me transporto do "Vou" para o "I go", gasto tempo na viagem, por curto que seja. No momento da partida estou plantado firmemente com ambos os pés sobre o "Vou", estou do lado portuguez da minha mente, e todos os meus pensamentos sao portuguezes. No momento da chegada firmo pé novamente, estou do lado inglez da minha mente, e todos os meus pensamentos sao ingleses. Mas, e durante a viagem? Como penso? Ou nao penso? E, nao pensando, sou? Ou paito sobre um abismo? Ou suspendo a minha existência? Como se vê, a tradução é como uma morte e um renascimento. Durante a tradução, transpomos nao sómente uma língua específica, mas toda língua, e penetramos, embora fugazmente, nas regioes do Nada inarticulado e inarticulavel.

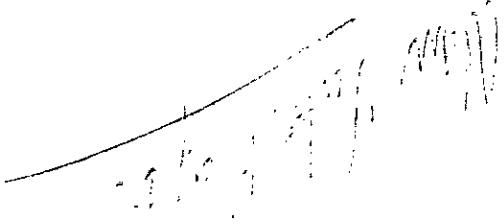
Passo a considerar a segunda parte da minha pergunta. O que aconteceu com o "Vou" abandonado, e com o "I go" alcançado? Construi uma ponte entre eles? Observando as duas frases, por certo nao parece que consegui faze-lo. Em nada se parecem essas duas frases. Diferem quanto à estrutura. A frase portugueza consiste de uma palavra, a ingleza de duas. Quando escritas, diferem quanto à aparência, quanto à "Gestalt". A frase portugueza consiste de letras diferentes da ingleza. Quando pronunciadas, a mesma diferença persiste.

Vilém Flusser

A frase portuguesa tem uma melodia diferente da inglesa. O abismo que separa as duas frases continua o mesmo. Feita a tradução, feito o salto, posso dizer no máximo que estabeleci um fio invisível entre as duas frases: liguei os "significados". Entretanto, creio que já demonstrei neste artigo quão problemático é este conceito de "significado".

Resumindo, devo dizer que me encontro diante o fenômeno da tradução na situação daquela criança que, vendo pela primeira vez uma girafa, exclamou: "Este bicho não existe!" Sei, por outro lado, que a tradução é perfeitamente possível, e que estão sendo traduzidas não somente frases como aquela que propuz, mas até poesias e livros sobre filosofia. A minha reação a essas traduções é portanto dupla: a de uma admiração incontida, e a de um cepticismo quanto à sua validade. Pensando bem, entretanto, devo confessar que tudo aquilo que é, e pelo simples fato que é, é admirável, incompreensível, e duvidoso. Aceitamos os fatos tais como são sem admiração e sem dúvida, porque não refletimos. A reflexão sobre qualquer fato provoca a admiração e a dúvida, e corroi a fé e a ingenuidade diante a realidade.

Aristoteles diz: "Propter admirationem enim et nunc et primo homines principiabant philosophari." (É por causa da admiração que os homens começaram a filosofar, tanto antigamente como hoje em dia.) Esta tradução é, desnecessário dizê-lo, muito duvidosa. Entretanto, porquanto conseguirmos nutrir em nossas mentes a nossa capacidade de admirar, e de duvidar, não morrerá aquilo que chamamos de civilização humana.



NOTES

iii ??? what?? com?? qu???

UND ERUM DES LEBENS GOLDNER & RUM
GRAU, TEURER FREUND, IST ALLE THERIE,

ENTSCHEIDIGEN SIE
ENCANTADO, CHARMED

AVEC BEAUCOUP DE PLAISIR
JEH, EU, I, MOI

DECEUPE EU VOU, BUT SOMETIMES I GO
EU GO VOU I

GOES I E NAO EU

EU GO, EU E SO EU

QUEM VA! E VOU SE OINDO VA?

I VOU, NAO E EU, NAO SOU I

HAU!, VERMELHO E BRANCO NAO SOU

GOD SAVE THE QUEEN,

SE VOU, VOU VERDE, AMARELO

PORTANTO BRASILEIRO NAO VOU

I GO AN ENGLISHMAN

PELO MUNDO ADE NAO SOU

"I GO" PARA "VOU"